

**DISCURSO PROFERIDO PELO GOVERNADOR CLÁUDIO CASTRO DURANTE O
LEILÃO DA CONCESSÃO DO SERVIÇO DE FORNECIMENTO DE ÁGUA E
TRATAMENTO DE ESGOTO DO BLOCO 3 DA CEDAE, NA B3, EM SÃO PAULO, NO
DIA 29 DE DEZEMBRO DE 2021**

Oito meses se passaram do dia que mudou a minha trajetória. Só quem sabe, só quem viveu aquela semana de 30 de abril sabe do que eu estou falando. Uma semana dura, uma semana difícil. Uma semana que poucas vezes no Rio, durante esses quinze meses, nós tivemos um enfrentamento político muito duro que, em alguns momentos, fez a gente duvidar se a concessão aconteceria, mas também foi um momento divisor de águas, porque ali o governo do Estado mostrou esta nova face, mostrou a que veio. Mostrou uma coragem e uma determinação que muitos não sabiam até aquele momento que existia.

Por ser um governo que era pautado pelo diálogo, pela composição, não se imaginava que poderíamos ir até aquele nível, realmente de briga, de luta pelo que acreditávamos. Nós demonstramos que diálogo sim, concordância sim, mas não temos medo de fazer aquilo que consideramos o correto. Esse leilão era o correto.

Tínhamos tido um momento de muita tensão com o nosso parceiro o BNDES, mas sempre com extremo respeito. Todo mundo, ainda que discordando, pensava no bem comum que era o bem da população. E fazíamos ali história para o Rio de Janeiro. Alguns desavisados podem estar pensando nos R\$22,6 bilhões, não é essa a história. Isso é um detalhe. Fazemos história porque naquele dia decretávamos a mudança de vida de mais de 10 milhões de cariocas e fluminenses. Naquele dia demonstrávamos que a nossa vontade de ajudar a população era muito maior que a nossa vontade de ter o controle político de uma grande estatal. Estatal forte, poderosa, capaz de fazer diferença na vida das pessoas. Mas uma diferença, com todo o respeito que tenho ao seu corpo técnico e aos seus funcionários, muito menor que após o processo de concessão. Vieram, então, dois grandes parceiros, a Aegea e a Iguá.

E o Rio de Janeiro como é conhecido por não respeitar realidades regulatórias, começamos um processo de um namoro profundo de uma relação aberta, uma relação de troca, uma relação de confiança que materializou-se este ano, quando demos o primeiro reajuste aos servidores no meio do processo de assunção definitiva da Cedae, na qual todos acreditavam que o Rio não cumpriria a questão regulatória. Mais uma vez nós demonstramos que não é só de boca a nossa vontade de transformar o Rio de Janeiro.

O Conselho do Instituto Rio Metrópole é a grande prova do diálogo, do respeito que as prefeituras têm por parte do governo do Estado. É um Conselho onde nada se impõe, mas tudo é tratado no diálogo. Tivemos, logo em seguida, um problema duro entre os municípios de entendimento sobre as divisões do recurso. Mais uma vez, o Governo do Estado demonstrou-se grande, altivo, por abrir mão de uma parte do que era seu para entender que isso tem que ser dividido, isso tem que ser democraticamente utilizado.

E, hoje, nesse bloco que muito falava-se, eu aprendi que temos dois ouvidos e uma boca só, para que a gente possa ouvir mais. O secretário Nicola me disse o tempo todo: “governador, não se preocupe, isso foi uma dinâmica de leilão”. Depois, uma conversa com o pessoal da Aegea, com toda a vênica e o respeito institucional, deu para entender nas entrelinhas deles que era exatamente isso. Era uma escolha daquele momento participar com mais força dos outros blocos e não uma falta de confiança ou de interesse. E nós conseguimos repetir aquele feito do último leilão.

Uma estrada, uma via, um caminho de uma mão só. Sem retirada de edital, sem nenhuma espécie de dúvida, ministro, se alguém tinha informação privilegiada ou não. Sem nenhum adiamento. A escolha do dia 29 de dezembro parecia uma escolha feita para mudar. E mais uma vez o Rio de Janeiro mostrou a responsabilidade no ambiente de negócios, com segurança jurídica. Num ambiente político, com a reestruturação de um Estado que foi feito para brilhar, mas os seus problemas endêmicos colocaram-no numa posição triste ao longo dos anos.

Quem tem convivido, nesses últimos tempos com o Governo do Estado, tem relatado a percepção clara de melhora. E eu fico feliz não por uma vaidade pessoal, mas pela certeza de estarmos no caminho certo, ministro. Que tem um princípio basilar inegociável, que é o diálogo. Enquanto muitos por aí que até em crises querem se acusar, brigar, nós do Rio de Janeiro decidimos trabalhar junto. Eu não tenho dúvida que o sucesso desse bloco 3, que muitos não acreditavam, ali agora com a imprensa: “O senhor acha que pode dar errado?” “Eu não tenho a menor dúvida que hoje é o ganha-ganha, já deu certo”. Já tinha dado certo porque começou certo, porque caminhou certo e o desfecho foi o desfecho certo.

Isso não é mérito. Sobremaneira isso é mérito. Infelizmente hoje ser correto passou a ser um ativo quando deveria ser um princípio. Esse princípio que hoje nós lutamos duramente. Essa credibilidade - palavra tão simples, mas que o Rio de Janeiro durante muitos anos não conseguiu mais conjugá-la - é a palavra que hoje, ministro, nos norteia. Ser um Estado com credibilidade. Ser um Estado onde o investidor possa vir pra cá com tranquilidade. Ser um Estado onde a população verdadeiramente confie nos seus dirigentes. Onde os dirigentes trabalhem juntos em parceria seja municipal, estadual, federal, seja do Poder Executivo, do Legislativo, do Judiciário, seja público ou privado. Mas um Estado onde a cooperação tem feito a diferença. Um Estado onde há o respeito ao servidor público, o respeito da Procuradoria Geral do Estado. Estado com os salários em dia, mas mais que isso, um Estado hoje que entre a liquidação e o pagamento são incríveis 11 dias, ministro - saímos do pior pagador do Brasil para o melhor pagador do Brasil. Nem a União paga os seus fornecedores em 11 dias, mas o governo do Estado do Rio de Janeiro paga. E sem ter usado R\$ 1,00 da Cedae para isso. Porque esse dinheiro, é um compromisso meu, ele é 100% destinado, voltado, através do Pacto RJ que, diferente do que alguns dizem por aí, é um pacto que 70-80% por cento dele foi um documento trazido pela Firjan, chamado Canteiro de Obras. E o resto são projetos trazidos pelos senhores e senhoras prefeitos e prefeitas. Demonstrando a responsabilidade do Rio de Janeiro, em primeiro lugar com o dinheiro que é do povo. Segundo, é trazer o desenvolvimento. Nossa meta é o desenvolvimento. É justiça social, não através de torrar o dinheiro da população em política eleitoreiras, mas em justiça social através do maior projeto que existe que é o emprego.

Hoje é um dia de agradecer, no meu caso, na minha fé, é agradecer a Deus. Mas sobretudo agradecer a cada servidor desse Estado, que comigo tem feito a vida dessas 17 milhões de pessoas, desses 17 milhões de sonhos, de histórias, estarem mudando ao longo desses dezesseis meses. Só tenho a agradecer a toda a minha equipe, agradecer aos prefeitos e prefeitas, agradecer ao BNDES, agradecer ao Governo Federal, à Assembleia Legislativa, à Câmara Federal e ao Senado. E se, antigamente, nós chegávamos em outro Estado da federação éramos vistos com desdenho e até com uma certa melancolia pelas pessoas, hoje quando chegamos nesses mesmos lugares, somos vistos com admiração. Isso não é uma vaidade pessoal, é uma vaidade institucional. Porque quem está crescendo não é o Claudio, quem está crescendo é o Estado do Rio de Janeiro. De verdade, nós não temos tempo a perder, porque tem muita gente que depende do nosso suor matinal para ter uma vida melhor. E é disso que nós tratamos hoje aqui. É uma vida melhor para mais 3 milhões de pessoas. Quando me perguntavam por que aceitar municípios deficitários, porque não aproveitar para colocar mais dinheiro em caixa. Eu dizia, não é isso que importa. Não é o dinheiro em caixa que importa. Se nós tivéssemos que ter outorga zero para atender os 17 milhões, eu faria. De verdade, faria. Porque o que importa pra gente é dar uma vida digna para essas pessoas. Esse povo tão sofrido, tão batalhador, esse povo que não desistiu do Rio de Janeiro. E nós não desistiremos deles até o nosso último dia.

Muito obrigado!

CLAUDIO CASTRO
GOVERNADOR DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO